

ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA E DIREITOS HUMANOS: A FOTOGRAFIA OPORTUNIZANDO OUTRAS COMPOSIÇÕES PARA A FORMAÇÃO CIDADÃ NO TERRITÓRIO ESCOLAR

ALISSOM ROBERTO BRUM

Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil

SARAI PATRÍCIA SCHMIDT

Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil

RESUMO: O presente trabalho discute o comprometimento das instituições educativas e de seus profissionais com a relação entre alfabetização midiática e direitos humanos. O estudo propõe uma incursão pela *práxis* da Revisão de Literatura (RL), envidando um diálogo entre a RL, considerando conceitos como os de direitos humanos, educação, mídia e fotografia, e experiências de extensão universitária no desenvolvimento de ações que articulam a linguagem fotográfica e suas tecnologias no território escolar. Trata-se de um artigo teórico-reflexivo, metodologicamente caracterizado como qualitativo, documental e bibliográfico. A contribuição dá-se mais como apresentação de uma fonte de inquietação do que como encontro de soluções únicas e indedutíveis.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Direitos Humanos. Mídia.

INTRODUÇÃO

Diante da relação Comunicação e Educação, Santos Neto (2020, p. 162) chama a atenção para o cenário de intensas comunicações, que demanda “mudanças da política educacional e na cultura escolar”. É, assim, crucial tecer questionamentos sobre o que é ser e estar alfabetizado (Sousa, 2019). Por mais que as gerações atuais estejam em contato com a mídia e suas tecnologias, “muitos as dominam apenas a partir da operação de suas interfaces” (Sousa, 2019, p. 42), mas poucos são os que manipulam seus sistemas com conhecimento crítico. É nessa acepção que Kellner e Share (2008, p. 689) apontam para a urgência em ampliar “o potencial da alfabetização para analisar criticamente relações entre a mídia e as audiências, informação e poder”, reconhecendo a instituição escolar como estrutura social eficaz para a criação de uma comunicação anti-hegemônica.

Rojo (2012, p. 31), nessas circunstâncias, observa que, “no Brasil, é não só perfeitamente possível, como desejável (e, de certa forma, desejada por uma grande parcela dos professores) a adoção de uma didática dessas”. Por sua vez, os “desafios não estão no embate com a reação, mas em como implementar uma proposta” (Rojo, 2012, p. 31). Nesse sentido, muitos se perguntam: como trabalhar na escola “esse mundo editado, presente no cotidiano, que penetra arditosamente em nossas decisões e que, pela persuasão que o caracteriza, assume o lugar de ‘verdade’ única” (Baccegga, 2000-2001, p. 22)? Essas são, seguramente, reflexões profundas, que requerem ir além do

enquadramento curricular formal da educação, trazendo outras linguagens e subjetividades para o diálogo pedagógico.

É no âmago dessas e de outras discussões que estamos desenvolvendo ações que abordam didáticas de Alfabetização Midiática-Visual em instituições escolares de ensino fundamental completo da rede pública do município de Novo Hamburgo (NH), no Rio Grande do Sul (RS). Neste artigo, apresentamos algumas dessas experiências, focando em atividades desenvolvidas na extensão universitária por meio de oficinas de fotografia. O estudo e o uso da linguagem fotográfica e de suas tecnologias por professores/as e estudantes mostraram-se uma estratégia criativa e potente para trazer a mídia para os debates de sala de aula. Ademais, reitera-se que essas práticas tinham como arcabouço teórico-metodológico o campo Comunicação/Educação, vinculando-se às proposições dos Estudos Culturais e da Educação em Direitos Humanos.

Outrossim, tivemos como pretensão, na concepção deste escrito, subvencionar diálogos entre esse conjunto de experiências da extensão universitária e estudos/feitos de outros pesquisadores/as que se debruçam sobre esse mesmo panorama investigativo, por meio de uma Revisão de Literatura (RL). Com isso, aspiramos contribuir – à luz de diferentes olhares que compartilham perspectivas epistêmicas – com a divulgação de resultados, ou de caminhos já trilhados na consecução de uma educação midiática no território escolar. Metodologicamente, este é um estudo teórico-reflexivo, caracterizado como qualitativo, documental e bibliográfico.

DESCOBRINDO A PESQUISA: PRÁXIS DA REVISÃO DE LITERATURA

As revisões de literatura surgem da necessidade de instituir uma síntese crítica sobre um tema, tendo em vista a eclosão de muitos trabalhos em uma determinada área do saber ou um assunto específico. A RL é um instrumento de relevância não só para o processo de desenvolvimento de uma pesquisa, mas também como fonte de consulta para a comunidade acadêmica.

Posto isso, no que se refere aos descritores, elegemos as palavras *direitos humanos*, *educação*, *mídia* e *fotografia* como as quatro expressões que, no nosso entendimento, melhor representavam o que procurávamos descobrir, isto é: *como vem se apresentando na literatura acadêmica a articulação entre direitos humanos e educação quando se pensa a alfabetização para as mídias, sobretudo as visuais?* Embora a fotografia também se constitua como uma imagem midiática, optamos por colocá-la de forma distinta, tendo em vista que nosso objetivo era apreender: *de que forma a linguagem fotográfica e suas tecnologias são mobilizadas como ferramentas pedagógicas na promoção de uma educação para os direitos humanos no contexto de uma sociedade amplamente atravessada por uma cultura midiática-visual?*

Em uma pesquisa preliminar em bancos de dados, concluímos a apuração dispondo de dois grupos de três significantes: *direitos humanos*; *educação* e *mídia*; e *direitos humanos*, *educação* e *fotografia*. A primeira busca com os descritores permitiu algumas impressões iniciais: no caso do primeiro grupo de palavras, constatamos que o termo *direitos humanos* era o que mais delimitava os resultados, mas o que melhor representava o propósito deste projeto de estudo: assimilar como os direitos humanos

BRUM, A. R.; SCHMIDT, S. P.

são acionados quando se planejam ações e discussões sobre a educação para as mídias, e como as mídias são problematizadas quando se indaga a educação para os direitos humanos. Já no segundo agrupamento, o vocábulo *fotografia* foi o principal vetor de recorte entre os estudos que abordam a educação para os direitos humanos, sendo interessante observar o pouco espaço ocupado por este texto e suas ferramentas de escrita no enquadramento das especificidades dessa formação.

Em relação aos espaços de procura, operamos a pesquisa em cinco bancos de dados: Portal Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Portal de Periódicos da Capes, Biblioteca Eletrônica Científica Online do Brasil (SciELO Brasil), Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação (Portcom) e Portal de Pesquisas Integradas da Universidade Feevale (UNIQUE).

Para lapidação inicial dos resultados provenientes da busca, impusemos uma regra temporal que consiste em determinar “um período específico” para o mapeamento dos estudos (Moreira, 2004, p. 26), além de filtrá-los por nacionalidade e idioma do trabalho. Priorizamos, nesse sentido, os últimos cinco anos da divulgação científica, entre os anos de 2018 e 2022. Consideramos produções brasileiras em que o texto estivesse disponível em português.

Por conseguinte, após o rastreio dos trabalhos, procedemos à “leitura prévia ou pré-leitura [dos estudos resultantes, na intenção de] [...] verificar, mais atentamente, as obras que contêm informações úteis para o trabalho” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 80). Sobre esse momento da RL, Barone (1990, p. 140) ressalta o entendimento de que “não é ler tudo que se escreveu sobre um assunto. Isto só é possível, tratando-se de um assunto assaz abandonado ou quando temos acesso a biblioteca de acervo limitado”. Portanto, fizemos a leitura seletiva dos achados, a fim de determinar as pesquisas mais relevantes para constituírem os *corpora*. No Quadro 1, apresentamos a repercussão da revisão com o planejamento das duas etapas:

Quadro 1 – Resultados da coleta de dados e leitura inspeccional

Base de dados	Direitos humanos, educação e mídia	Trabalhos selecionados	Direitos humanos, educação e fotografia	Trabalhos selecionados
----------------------	---	-------------------------------	--	-------------------------------

Continua...

Portal Teses e Dissertações (Capes)	Total de achados: 5 resultados Selecionados : 1 trabalho	1.Educomunicação : Um Paradigma para Pensar as Tecnologias, a Educação e os Direitos Humanos (Klein, 2020)	Total de achados: 1 resultado Selecionados : 0 trabalhos	Não houve seleção de trabalho devido ao recorte temporal
Portal de periódicos (Capes)	Total de achados: 31 resultados Selecionados : 3 trabalhos	1.Mídias e Educação em Direitos Humanos: Novos Tempos, Novos Desafios (Cordeiro, Souza, Costa, 2022) 2.Desafios da Pesquisa Ativista em Educação (Lapa; Lanna; Silva, 2019) 3.Letramentos de Sobrevivência em Redes Digitais: Caminhos Possíveis na Luta por Direitos Humanos (Maia, 2018)	Total de achados: 4 resultados Selecionados : 2 trabalhos	1.Epistemologias do Sul e a Experiência do Projeto Vidas Paralelas Migrantes Brasil-França (Hoefel <i>et al.</i>, 2021) 2.Imagens: Resistências e Criações Cotidianas (Alves; Caetano; Soares, 2020)

Continua...

Unique	Total de achados: 30 resultados	1.Educação em Direitos Humanos: Possibilidades a Partir do PNEDH e do Cinema na Escola (Guerreiro, 2021)	Total de achados: 8 resultados	1.Nessa Rua, Nessa Rua, Têm Educandos da EJA com Narrativas Fotográficas Para nos Contar (Souza, 2019)
	Selecionados: 2 trabalhos	2.O "Fique em Casa" e a Influência nos Conceitos Morais dos Programas Infantis: Um Estudo do Programa "Chaves" (Leonardo, 2020)	Selecionados: 1 trabalho	
Scielo Brasil	--	--	--	--
Portcom	--	--	--	--

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Como observado no Quadro 1, apenas as plataformas da Capes e da Unique trouxeram resultados. É intrigante, nessa ordem, a ausência de trabalhos nas bibliotecas Portcom e Scielo Brasil. Tendo em vista que uma das áreas deste estudo é a de Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo as Ciências da Comunicação, chama mais atenção a carência de trabalhos na Portcom, que se dedica às produções acadêmicas desse campo. Ademais, tal inópia não foi consequência do recorte temporal, mas da articulação de palavras, que impossibilitou a localização de pesquisas que tangenciassem as relações temáticas requeridas. Sobre isso, é necessário olhar não somente para os achados, mas também para os não achados, que se constituem como indícios igualmente valiosos à investigação.

Com os *corpora* compostos, implementamos a terceira parte do processo: a leitura crítica e interpretativa das nove pesquisas eleitas. Aqui, objetivamos "a inteligência do texto, a apreensão do seu conteúdo" (Prodanov; Freitas, 2013, p. 80), além de "identificar e agrupar discordâncias e concordâncias, entre vários autores (concordância interpesquisadores) e de um mesmo autor com sua obra (concordância intrapesquisador)" (Moreira, 2004, p. 28). Barone (1990, p. 141), por seu turno, aponta a

importância de, nessa etapa, “atentarmo-nos para o problema da revisão integral ou revisão recortada”. Ele complementa o exposto afirmando que a revisão integral “significará que todos os dados temáticos ou metodológicos presentes nos textos serão levados em conta [já a revisão recortada indica] que o revisor fez opções e subtraiu categorias que lhe interessavam” (Barone, 1990, p. 141). Acerca dessa perquirição, optamos por um perfil recortado da revisão, uma vez que o problema regulador desta RL focaliza o modo como os conceitos são anunciados pelos autores e as conexões entre as noções por eles tecidas, e não as propostas metodológicas das investigações.

Destacamos, ainda, que a leitura dos textos ocorreu com o auxílio do *software Atlas.ti*, programa para análise de dados qualitativos. Com os recursos fornecidos pelo aplicativo, realizamos a tematização/codificação dos estudos selecionados e agrupamos os extratos teóricos em categorias dissertativas: *direitos humanos, educação, mídia e fotografia*. Em algumas situações, as categorias fundiam-se, evidenciando a associação entre as expressões: *fotografia e direitos humanos/mídia e educação/mídia, educação e direitos humanos*. Nesses casos, foram reunidas citações que demonstravam essa articulação teórico-conceitual.

Uma vez que deslindamos, aqui, o itinerário traçado para esta revisão, elucidando não apenas as decisões tomadas, mas também os pressupostos teórico-metodológicos que orientam esse conjunto de deliberações, passamos à próxima seção, que versa sobre a análise crítica e interpretativa decorrente dessa elucubração, na qual buscamos dialogar com os achados da RL e as experiências práticas – por nós empenhadas – de Alfabetização Midiática-Visual, envolvendo o estudo e o uso da linguagem fotográfica e de suas tecnologias na escola.

A FOTOGRAFIA NA ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA-VISUAL

No que diz respeito a esse encontro entre as pesquisas elencadas na RL e as vivências na promoção de atividades envolvendo a fotografia na Alfabetização Midiática-Visual no território escolar, informamos que essa incursão se sucedeu de modo integral, de maneira a articular achados da RL com as experiências em campo. Isso significa que buscamos compor os extratos teóricos, os quais respondem as questões postas à revisão, como sustentação e corroboração das práticas que empenhamos nas atividades de extensão universitária.

Os estudos que articulam o campo Comunicação/Educação fundamentam o projeto de extensão, composto por professores/as e acadêmicos/as e agrupando cursos como: Publicidade e Propaganda, Jornalismo, Relações Públicas, Fotografia e Design. As ações do projeto tinham como foco as escolas públicas, partindo da relação entre mídia, educação e consumo, objetivando a promoção de uma cultura mais democrática e cidadã dentro das escolas e dos bairros. Para a consecução desses intentos, as práticas decorriam de duas grandes dimensões: as oficinas de Alfabetização Midiática-Visual e a produção dos jornais comunitários, mobilizando o protagonismo de professores/as, crianças e adolescentes.

Para este artigo, centralizaremos as discussões nas oficinas de Alfabetização Midiática-Visual. Posto isso, salientamos que, na época da operacionalização do trabalho

com as oficinas, apostamos nesse espaço de relação entre a fotografia e a Alfabetização Midiática-Visual, justamente por considerarmos que as imagens fotográficas, com seus sistemas de organização e códigos próprios de linguagem, são um dos principais meios comunicativos dos indivíduos contemporâneos. Klein (2020), nesse sentido, reflete que, com o advento das câmeras digitais e de celulares com câmeras acopladas, fotografias são feitas a todo momento: “É possível ver o resultado de um momento congelado pela câmera fotográfica logo após o click, postando praticamente no mesmo instante nas redes sociais e/ou guardando nos álbuns virtuais” (Klein, 2020, p. 109). De fato, as inovações tecnológicas levaram os indivíduos a vivenciarem um consumo diferenciado de conhecimento e experiências socioculturais – desta vez, advindos de diferentes artefatos midiáticos, sobretudo, na forma de informações visuais. É por esse motivo que as crianças e jovens, nascidos nessa realidade e interpelados pelas mais diversas construções imagéticas, passam a ter as visualidades como territórios de produção de discursos e exploração de referências.

Foi no tecer dessas reflexões que as oficinas de fotografia inauguraram seus primeiros feitos no projeto. A principal proposta da atividade, realizada em escolas públicas do município de Novo Hamburgo/RS, era ampliar a visão dos estudantes do Ensino Fundamental sobre si, seus colegas, a mídia e o bairro onde vivem. O desenvolvimento do trabalho, nesse contexto, dava-se em parceria e envolvimento direto com os/as docentes das escolas onde ocorriam as atividades, sendo empenhado, inicialmente, um planejamento vinculando os intentos da Alfabetização Midiática-Visual e a disciplina lecionada pelo/a educador/a. Almejávamos, com essa organização prévia dos propósitos e das práticas da oficina, que fosse uma realização arraigada nos próprios processos de ensino e aprendizagem, e não tomada como uma dinâmica extraclasse.

Acerca do exposto, Guerreiro (2021) salienta o quão fundamentais são os trabalhos que visam à sensibilização e à preparação dos/as professores/as, conscientizando-os sobre outras vias da docência que vão muito além das estruturas hegemônicas de uma educação escolar promulgada segundo as necessidades de um Estado-Nação. A realidade política brasileira nos últimos anos tem resultado em um verdadeiro “desmonte de direitos e conquistas coletivas” (Lapa; Lanna; Silva, 2019, p. 7), principalmente nas áreas sociais e, mais ainda, no que tange à educação. A efetivação “de uma cartilha neoliberal na educação” (Lapa; Lanna; Silva, 2019, p. 7) tem repercutido “na desqualificação da escola pública e no enfraquecimento do papel do professor, o que cria uma série de dificuldades para a promoção da educação como direito de todos e em toda a sua plenitude de formação humana, tal qual reza a Constituição Federal” (Lapa; Lanna; Silva, 2019, p. 7).

A partir das oficinas de fotografia, foram promovidas diferentes investidas para a composição de outros olhares, sempre à luz da cultura e dos direitos humanos. Mais do que nunca, o conhecimento sobre os direitos humanos no território escolar deve ser construído por meio da “possibilidade de atravessamento por determinado uso de sons e imagens” (Guerreiro, 2021, p. 15). Em um mundo midiaticado, a escola não pode se opor ou negar as tecnologias comunicacionais e, nesse sentido, as oficinas de fotografia reivindicavam “processos de transformação e criação através de [...] imagens” (Guerreiro, 2021, p. 15), oportunizando uma formação cidadã mais conectada aos desafios e exigências deste atual tempo.

Maia (2018), nessa perspectiva, considera ser capital entender a mídia, não só como um local de violação de direitos, isto é, espaço no qual imperam discursos que, por vezes, discriminam e negligenciam as diferentes formas de existir e de ser no mundo, mas como um meio de luta democrática e expressão cidadã, ou seja, como forma e como possibilidade de narrar outras e renovadas verdades sobre as contendas da cultura operante. Dessa forma, uma vez que a premissa é de que a diversidade cultural deve ser defendida e trabalhada pedagogicamente dentro da escola, assim como afere a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (Unesco, 2002), “as tecnologias digitais, mesmo com os diferentes tipos de restrições técnicas que carregam consigo, têm justamente funcionado como ferramentas indispensáveis para a promoção dessa diversidade” (Maia, 2018, 963).

Nas oficinas, antes de os estudantes realizarem as atividades, trabalhávamos conceitos e técnicas de composição, enquadramento e iluminação, além da manipulação da câmera fotográfica e questões alusivas ao olhar. O objetivo era mostrar a fotografia como potência criativa para o desenvolvimento do intelecto, bem como romper com a ideia de ela ser representação fidedigna da realidade. Segundo Souza (2019, p. 33), “o uso da fotografia como um dispositivo tem a possibilidade de tocar e atravessar tanto o agente quanto o expectador. O ato fotográfico se abre para criação e a exposição. É uma forma de ver e transver o mundo”.

Havia, ainda, uma segunda etapa, que envolvia também a elaboração do conhecimento sobre o texto fotográfico e consistia na análise de materiais midiáticos que abrangiam a natureza dessa expressão. A intenção era averiguar como algumas noções do processo de elaboração das fotografias construíam seus sentidos nas peças comunicacionais veiculadas por marcas e grandes corporações. A escolha desses materiais ocorria de acordo com o agendamento midiático que pautava a vida do/as estudantes. Leonardo (2020, p. 177) lembra que “a cultura midiática tem a ver com determinada visão de mundo, com valores e comportamentos, com a absorção de padrões de gosto e de consumo, com a internalização de ‘imagens de felicidade’ e promessas de realização para o ser humano”. Portanto, a dinâmica buscava o desvelamento desses significados.

Em algumas situações, foram convidados profissionais do mercado publicitário para realizar uma conversa com os/as estudantes sobre alguns dos procedimentos imbricados na formulação das mensagens que as marcas e corporações desejam transmitir como apelo aos consumidores. Com isso, a partir da promoção desse olhar mais amplo e consciente diante dos processos de produção midiática, buscávamos mostrar a importância de a educação “ter como pontos fundamentais o desenvolvimento de habilidades que considerem as práticas de leitura, interpretação e análise crítica para diferentes conteúdos e espaços de interação” (Cordeiro; Souza; Costa, 2022, p. 3). Afinal, a concepção de educação “ultrapassa os limites do que se aprende em âmbito escolar, na Educação Básica, do formal, e compreende as experiências de vida e os processos de aprendizagem não formais, que desenvolvem a autonomia tanto da criança quanto do adulto” (Leonardo, 2020, p. 186).

Em algumas ocasiões, as oficinas aconteceram nos espaços da Universidade, no laboratório fotográfico e audiovisual, como alude a Figura 1. Nesses ambientes, os/as

BRUM, A. R.; SCHMIDT, S. P.

alunos/as podiam conhecer as estratégias e ferramentas usadas para a confecção de materiais e conteúdos de comunicação, sendo possível, assim, desmistificar intervenções manipulativas que podem ser exercidas na fabricação dessas representações. Dessa forma, pretendíamos não apenas promover a problematização desses meios e métodos de produção, como também apontá-los como recursos a serviço da imaginação e da expressão criativa. Lapa, Lana e Silva (2019, p. 18), nessa acepção, observam que, quando se trata da integração das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na escola, pouco tempo é dedicado para a promoção de atividades como essa, olhando as tecnologias como oportunidades, principalmente no que se refere à criação de “conteúdos alternativos”, à hegemonia capitalista e aos meios massivos de comunicação.

Figura 1 – Atividades nos laboratórios de fotografia e audiovisual da Universidade



Fonte: Elaborada pelos autores (2014).

Ambicionávamos, por esse ângulo, justamente posicionar os/as educandos/as como comunicadores operantes em suas comunidades, dado que o ato de comunicar é uma forma de participar ativamente da sociedade, podendo contribuir com as resoluções dos problemas locais. Desse modo, as TIC, como considerado anteriormente, eram tidas não só como instrumentos de uso/experimentação na escola, mas também de estudo/reflexão, uma vez que é fundamental a compreensão do que essas invenções proporcionam e de como empreendê-las de forma solidária. No entendimento de Guerreiro (2021, p. 16), “quando alunas e alunos se organizam em torno de uma câmera, ou mesmo de um celular, [...] a reinvenção dos espaços da escola se dá de maneira radical e as relações que se estabelecem a partir dessa possibilidade” podem ser absolutamente emancipadoras.

Portanto, no decurso da Alfabetização Midiática-Visual por meio da fotografia na escola, era facultado aos/às estudantes – com o auxílio da câmera e de suas técnicas de escrita – descobrirem e vislumbrarem outros enfoques para o olhar. Duas

experiências, nesse contexto, se mostram significativas. A primeira delas chama-se “Nosso Bairro, Nossa Gente”, oficina conduzida com alunos do 2º ano da Escola Municipal Presidente Afonso Pena, localizada no Bairro Vila Nova, no município de Novo Hamburgo (RS). Na ocasião, foi possível resgatar a história da comunidade por meio da produção dos retratos de moradores, comerciantes e artesãos que residiam há anos na localidade.

Figura 2 – Retrato do carroceiro e da florista



Fonte: Elaborada pelos autores (2014).

A cada fotografia captada nessa dinâmica, visível na Figura 2, os/as alunos/as entrevistavam o retratado. Entre perguntas, levantavam-se as seguintes questões: há quanto tempo o/a senhor/a mora aqui? Como conheceu esta localidade e veio a pertencer a ela? Por que escolheu este lugar como sua morada e zona de trabalho? Por vezes, o/a morador/a apresentava álbuns com lembranças marcantes de sua vida aos/às estudantes. Com essa ação, ficou evidente a “potência da fotografia enquanto intercessor entre diferentes experiências pessoais, tempo e espaço, como um instrumento ativador de memórias e elaborações” (Hoefel *et al.*, 2021, p. 282).

De acordo com a professora Juliana Henrich, responsável pela turma com a qual ocorreu essa experiência, o dia da oficina era sempre muito lembrado e aguardado pelas crianças. Ela conta que “o linguajar mais técnico da fotografia em si passou a fazer parte das conversas das aulas, em que exemplificava os conteúdos desenvolvidos com o mesmo” (Henrich, 2014, informação verbal)¹. Ela também relata que passou a perceber mais preocupação dos estudantes para com a escola e a comunidade: “começaram a ver os ‘detalhes’, assim como foram levados a ver os detalhes nos moradores ao fotografá-los” (Henrich, 2014, informação verbal). Nesse sentido, a docente avalia que os/as

educandos/as se tornaram mais críticos, “trazendo a vivência das saídas, caminhadas e conversas com os moradores nos diferentes assuntos discutidos nos momentos de sala de aula”, e um “outro olhar sobre os colegas e, conseqüentemente, um entendimento sobre diferentes pontos” (Henrich, 2014, informação verbal).

Na sequência, seguimos com o relato do segundo feito, intitulado “Fotografando a Matemática no Bairro”. Como o próprio nome sugere, foi uma oficina de fotografia com uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental, no mesmo recinto escolar supracitado, tratando das especificidades de uma aula de Matemática. O objetivo desse trabalho foi enxergar, com o auxílio da câmera fotográfica, a matemática viva no bairro e, com isso, apresentar outras formas de se pensar os processos ditos “racionais” de uma disciplina exata, por intervenção de experiências mais subjetivas e sensoriais. Em outras palavras, foi possível promover, no atravessar de cálculos e fórmulas, espaços de “reflexão a partir da imagem”, conduzindo a uma “partilha de sentidos” (Hoefel *et al.*, 2021, p. 272).

Figura 3 – Estudantes fotografando formas geométricas na arquitetura do bairro



Fonte: Elaborada pelos autores (2014).

O desafio, conforme revela a Figura 3, foi identificar formas geométricas presentes na natureza, casas, placas, ruas e outros elementos, resultando na expansão da sala de aula para além do perímetro escolar. Essa relação da matemática com a fotografia ocorreu em via de mão dupla, pois, ao mesmo tempo em que os conteúdos concernentes ao currículo eram apresentados, promovíamos a educação estética do olhar. Klein (2020, p. 22) observa que muitos docentes já começam a valer-se das “potencialidades das novas mídias e, a partir de um modelo que reúne comunicação e educação, as integraram ao cotidiano das rotinas educativas, justamente abrindo novas possibilidades de fazer educação”. Nisso, não se trata de considerar a Alfabetização Midiática-Visual como mais uma disciplina dentro da escola, mas concebê-la segundo as necessidades de cada sala de aula. Dessa forma, torna-se imperativo “criar e [...] experimentar metodologias transformadoras para a formação cidadã que estabeleçam

na escola um novo paradigma, centrado em uma educação para a autoria, colaboração e produção” (Lapa; Lana; Silva, 2019, p. 9).

Para a professora de matemática Cidonia Busatta, a experiência “permitiu [que] os alunos [fossem] mais ativos nas aulas [...] mais responsáveis pela construção do seu conhecimento” (Busatta, 2014, informação verbal)². Além do mais, a educadora registra que “a sala de aula passou a ser as ruas do Bairro, num ambiente amplo, livre” (Busatta, 2014, informação verbal), deixando “o aluno explorar os conhecimentos, construir novos saberes através do olhar das lentes de uma máquina fotográfica, a matemática num contexto vivo” (Busatta, 2014, informação verbal). Nesse depoimento, fica clara a “importância do indivíduo ser o agente transformador da sua realidade” e de seu saber (Souza, 2019, p. 33), certificando que é possível fazer isso mesmo em circunstâncias aparentemente improváveis, como as aulas de Matemática.

Nas duas experiências desenvolvidas, a linguagem fotográfica mostrou ser aliada da Alfabetização Midiática-Visual, possibilitando uma educação do olhar a partir de “quatro dispositivos: implicação, afetação, evocação do ‘sentimento estético’ e emersão de novos pensamentos, oriundos do processo de sentir, interagir, refletir, criar e agir”. (Hoefel *et al.*, 2021, p. 275). A cada passeio pelo bairro, os/as estudantes mostravam uma percepção renovada de seu cotidiano, “suas bases identitárias, raízes culturais e problemáticas, podendo ressignificar suas histórias” (Souza, 2019, p. 21).

Para Klein (2020, p. 22), “o compromisso da escola passa por entender sua missão estratégica e formadora, o que inclui a cultura, desnudando e ao mesmo tempo incorporando os novos campos de experiência”. Isso, por sua vez, implica reputar a prática educativa como “uma forma de intervenção no mundo, para além dos saberes escolares [podendo-se, desse modo] desmascarar as desigualdades” (Souza, 2019, p. 144). A partir do diálogo entre os apanhados da literatura e as experiências práticas envolvendo a fotografia na Alfabetização Midiática-Visual, esperamos ter cooperado com o esperar de uma pedagogia cada vez mais crítica, emancipadora e voltada aos direitos humanos no ambiente escolar. Sobre a dimensão desse trabalho, é válido lembrar, reside a magnitude “do acolhimento, da amorosidade, do respeito, da escuta sensível, do diálogo, do direito e da luta pela conscientização” (Souza, 2019, p. 141).

REFLEXÕES E TEORIZAÇÕES FINAIS

O artigo colocou em pauta o panorama da atual sociedade midiaticizada, demarcando a acriticidade no consumo de informações visuais. Diante disso, trouxe a essencialidade do comprometimento das instituições educativas e de seus profissionais com a transformação social, lançando a pergunta sobre como trabalhar na escola esse mundo editado pelos meios e tecnologias comunicacionais. Para deslindar a questão, fizemos uma incursão pelas *práxis* da revisão de literatura, dado que o estudo estabeleceu um diálogo entre os arranjos da RL e vivências no desenvolvimento de ações que articulam fotografia e suas tecnologias na Alfabetização Midiática-Visual.

Nos processos de revisão, procuramos não enquadrar as respostas e percepções de forma isolada, como é comum em revisões mais tradicionais, e envidamos apresentá-las na medida em que percorríamos as experiências das oficinas de fotografia do Projeto

de Extensão Universitária. O objetivo foi promover um encontro entre os entendimentos que vínhamos cultivando com relação às problemáticas (por meio do trabalho prático nas oficinas de fotografia ministradas em escolas públicas ao longo de três anos) e as compreensões de outros estudiosos que em suas investigações e ações (nos últimos cinco anos), interseccionam conceitos como os de direitos humanos, educação, mídia e fotografia.

Este trabalho, esperamos, enseja reflexões desta natureza: pontos de vista não são concepções mecânicas do olhar. Eles estão imbricados nas possibilidades que nos são apresentadas/ofertadas para a percepção/consumo do mundo; pontos de vista exigem o esforço crítico e criativo para extrapolar os limites pragmáticos do ver, de modo a questionar os sentidos com os quais estamos apreendendo a realidade. Finalizamos, assim, ratificando que estabelecer outras perspectivas para o olhar não é uma tarefa automática ao ser humano, dado que o olhar é constructo cultural. Enxergar por outras vias implica, por vezes, transgredir seus limiares. No entanto, isso requer ciência de como operam no erguimento e aperfeiçoamento de óticas predominantes e unânimes de existência. É nisso que residem a autenticidade e o equilíbrio da educação, isto é, tomar a primeira leitura de mundo – aquela com a qual todos adentramos a escola – como a aurora e o nasceiro do processo de alfabetização (Freire; Campos, 1991).

Hoje, já se tem como evidente o impacto das mídias nessa primeira elaboração sgnica da vida – devemos lembrar que “a sociedade de consumo é a sociedade do mercado. Todos estamos dentro e no mercado, ao mesmo tempo clientes e mercadorias” (Bauman, 2005, p. 98). Por isso, é importante perceber o quanto a lógica opera de forma inversa: não é a existência que movimenta o mercado, mas a relação *business to business* (de empresa para empresa), que determina a constituição dos indivíduos em sua peregrinação pela aceitação. A escola precisa ser um laboratório que se dedica a romper com a ilusão de liberdade; a imagem de sermos livres para existirmos como quisermos é demasiadamente mentira, pois, em seu teor, submergem fronteiras e margens do que é cabível, “sendo que todas as possibilidades realistas e aconselháveis já foram pré-selecionadas, pré-certificadas e prescritas” pelo mercado (Bauman, 2008, p. 110).

A confluência de ideias aqui expostas, acreditamos, tem como função precípua inspirar e promover inquietação, e não meramente propor soluções únicas. Estudar a mídia na escola é reconhecê-la como um espaço sobre o qual se deflagram felicidades e infelicidades da existência. Nesse sentido, a inserção da Alfabetização Midiática-Visual na escola fundamenta-se na resignificação de uma ação pedagógica disposta a olhar para a vida dos/as discentes, tendo em consideração as particularidades e enftretamentos que os/as constituem como indivíduos singulares e, ao mesmo tempo, plurais. Logo, a linguagem fotográfica e suas tecnologias, “que têm tantos usos narcisistas, [são] também um poderoso instrumento para despersonalizar nossa relação com o mundo” (Sontag, 2004, p. 183). Dessa forma, relevam-se as pistas de como práticas de Alfabetização Midiática-Visual podem ser (re) compostas diante das sutilezas e da diversidade que fazem de cada escola, e de suas salas de aula, um ambiente excepcional.

Artigo recebido em: 22/06/2023

Aprovado para publicação em: 30/10/2023

MEDIA ALPHABETIZATION AND HUMAN RIGHTS: THE PHOTOGRAPHY PROVIDING OPPORTUNITIES TO OTHER COMPOSITIONS FOR THE CITIZEN FORMATION IN THE SCHOOL TERRITORY

ABSTRACT: The following work discusses the commitment of educative institutions and their professionals related to the media alphabetization and human rights. The study proposes an incursion through the praxis of Literature Review (LR), aiming a dialogue among LR, considering concepts as human rights, education, media and photography, and experiences of university extension in the development of actions that articulates the photographic language and their technologies in the school territory. It is a theoretical-reflexive article, methodologically characterized as qualitative, documental and bibliographical. The contribution is given more as a restless source than the finding of single and non-deductible solutions.

KEYWORDS: Education. Human Rights. Media.

ALFABETIZACIÓN MEDIÁTICA Y DERECHOS HUMANOS: LA FOTOGRAFÍA TRAYENDO OPORTUNIDADES DE OTRAS COMPOSICIONES PARA LA FORMACIÓN CIUDADANA EN EL TERRITORIO DE LA ESCUELA

RESUMEN: El presente trabajo discute el compromiso de las instituciones educativas y de sus profesionales con relación entre la alfabetización mediática y los derechos humanos. El estudio propone una incursión por la praxis de la Revisión de Literatura (RL), envidando un diálogo entre la RL, considerando conceptos como los de derechos humanos, educación, medios y fotografía, y lenguaje fotográfica y sus tecnologías en el territorio escolar. Tratase de un artículo teórico-reflexivo, metodológicamente caracterizado como cualitativo, documental y bibliográfico. La contribución dase más como presentación de una fuente de inquietud qué como encuentro de soluciones únicas y no deducibles.

PALABRAS CLAVE: Educación. Derechos Humanos. Medios.

NOTAS

- 1 - Entrevista concedida em 17 de março de 2014, na cidade Novo Hamburgo (RS).
- 2 - Entrevista concedida em 17 de março de 2014, na cidade Novo Hamburgo (RS).

BRUM, A. R.; SCHMIDT, S. P.

REFERÊNCIAS

ALVES, N. G.; CAETANO, M.; SOARES, M. C. S. Imagens: Resistências e Criações Cotidianas. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 4–7, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/11625>. Acesso em: 21 nov. 2023.

BACCEGA, M. A. A construção do Campo. **Revista USP**, São Paulo, n. 48, p. 18-31, 2000-2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32888>. Acesso em: 16 nov. 2023.

BARONE, F. A Revisão de literatura em Bibliotecomia e Documentação: uma Prática Pedagógica. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 23, n. 1/4, p. 136-146, 1990.

BAUMAN, Z. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Z. **Vidas para consumo: A Transformação das Pessoas em Mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CORDEIRO, K. M.; SOUZA, I. M. S.; COSTA, R. P. Mídias e Educação em Direitos Humanos: Novos Tempos, Novos Desafios. **Education Policy Analysis Archives**, [S. l.], v. 30, n. 41, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/6542>. Acesso em: 21 nov. 2023.

FREIRE, P.; CAMPOS, M. D. **Leitura da palavra... leitura do mundo**. Rio de Janeiro: O Correio da Unesco, 1991.

GUERREIRO, A. S. Educação em direitos humanos: possibilidades a partir do PNEDH e do cinema na escola. **Roteiro**, Joaçaba, v. 46, n. 34, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/24819/16661>. Acesso em: 21 nov. 2023.

HOEFEL, M. G. *et al.* Epistemologias do Sul e a experiência do Projeto Vidas Paralelas dos Migrantes Brasil-França. **Revista Cultura de Paz**, [S. l.], v. 5, p. 271–285, 2021. Disponível em: <https://revistadeculturadepaz.com/index.php/culturapaz/article/view/103>. Acesso em: 16 nov. 2023.

KELLNER, D.; SHARE, J. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 104, p. 687-715, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/hcZr4mDdbgTfSy3NWt8RptQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2023.

KLEIN, L. **Educomunicação**: um paradigma para pensar as tecnologias, a educação e os direitos humanos. 2020. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) – Departamento de Ciências Jurídicas e Sociais, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2020.

LAPA, A. B.; LANNA, L. C.; SILVA, S. S. Desafios da pesquisa ativista em educação. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 20, Edição Especial, p. 7-21, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/43336>. Acesso em: 21 nov. 2023.

LEONARDO, F. A. M. “Fique em Casa” e a Influência nos Conceitos Morais Dos Programas Infantis: Um Estudo do Programa “Chaves”. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 175–192, 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/23683>. Acesso em: 21 nov. 2023.

MAIA, J. O. Letramentos de sobrevivência em redes digitais: caminhos possíveis na luta por direitos humanos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 57, n. 2, p. 954-974, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/zQTxZZ7sj6SXkzyHfcqM3Lk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2023.

MOREIRA, W. Revisão de Literatura e Desenvolvimento Científico: conceitos e estratégias para confecção. **Janus**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 21-30, 2004.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. *In*: ROJO, R. H. R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-32.

SANTOS NETO, J. L. O que é educação midiática? Um campo de interação entre cinema e educação. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, Boa Vista, v. 1, n. 1, p. 156-168, 2020. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/repi/article/view/e202012>. Acesso em: 21 nov. 2023.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

SOUSA, L. S. **Favelação**: experiências de letramento midiático através da pesquisa-ação. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/15300>. Acesso em: 21 nov. 2023.

BRUM, A. R.; SCHMIDT, S. P.

SOUZA, K. C. D. **Nessa rua, nessa rua, têm educandos da EJA com narrativas fotográficas para nos contar**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35750>. Acesso em: 21 nov. 2023.

UNESCO - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural. **Unesco**, [S. l.], 2002. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127160?posInSet=1&queryId=ac750c54-8bd5-4b5a-80c1-f0b73b248fe3>. Acesso em: 01 jun. 2023.

ALISSOM ROBERTO BRUM: Bacharel em Publicidade e Propaganda pela Universidade Feevale e mestrando em Diversidade Cultural e Inclusão Social na mesma instituição. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Publicidade e Propaganda e Fotografia. Atua desde 2014 no desenvolvimento de atividades de integração da pesquisa e extensão, tendo como foco a relação mídia, educação e imagem. Atualmente desenvolve pesquisas sobre infâncias e mídias, tendo como foco central a relação entre Direitos Humanos e Alfabetização Midiática-Visual.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2098-4097>

E-mail: alissombrum@feevale.br

SARAI PATRÍCIA SCHMIDT: Jornalista com Doutorado (2006) e Mestrado (1999) em Educação na linha dos Estudos Culturais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente dos Programas de Pós-Graduação Processos e Manifestações Culturais e Inclusão Social e Diversidade Cultural da Universidade Feevale. Coordena o grupo Criança na Mídia: Núcleo de Estudos em Comunicação, Educação e Cultura e é co-fundadora da Rede de Pesquisa em Comunicação, Infâncias e Adolescências. Coordenadora do Convênio Educação Antidiscriminatória por meio da parceria da Universidade Feevale e a Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo. Atualmente pesquisadora CNPq e Fapergs e desenvolve pesquisas sobre infâncias, mídia, discriminação e direitos humanos.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8795-3100>

E-mail: saraischmidt@feevale.br

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 4.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).